

UNIVERSIDADE NA AMÉRICA LATINA NO SÉCULO XXI. DIGITAL É TUDO?

Para que as tecnologias baseadas em inteligência artificial funcionem, elas requerem conhecimento prévio, portanto, alguém tem que produzi-las e publicá-las em uma revista como a *Interciência*. Nessa tarefa, a universidade latino-americana tem um papel importante.

Assim, ao introduzir o digital na universidade, exige-se que professores, pesquisadores, alunos, auxiliares, administradores, dêem sentido ao seu mero uso. Os professores não precisam apenas aprender a navegar neste novo mundo digital e incorporá-lo à prática de ensino. Eles devem aguçá-la sua inteligência, enriquecer e atualizar continuamente seu mundo intelectual, atuar como uma articulação entre o mundo analógico e o digital. Parte disso já foi feito antes, mas desde a pandemia de Covid-19 a educação via internet aumentou, embora com limitações.

Alude-se à necessidade de um novo tipo de professor "digital", mas também se deve falar de um novo aluno; "copiar e colar".

O imediatismo e o acesso rápido a várias fontes de informação através de redes, plataformas, etc., mas sem discernir a fiabilidade dos dados, faz com que o jovem confie que o conhecimento está ali, disponível, e por isso não exige que perca tempo a estudar, especialmente ao lê-lo com atenção; e, portanto, raciocinar, argumentar e expor em seus próprios termos; e, a longo prazo, ele pode pensar que não precisa criar conhecimento.

A universidade deve promover uma mudança na educação básica e secundária; Embora este deva ser objeto dos Ministérios da Educação, a universidade pode fazê-lo através de atividades de extensão aos professores primários e secundários, de forma a criar gradualmente estas novas atitudes e capacidades, que lhes permitam incorporá-las e transmiti-las no ato educativo.

Ao aluno é exigido antes que desenvolva atitudes e capacidades que lhe permitam mover-se com solvência neste mundo de conhecimento que o mundo digital lhe põe à disposição. A orientação para estimular comportamentos e capacidades relacionadas à pesquisa deve ser primordial, ao

invés do esforço para transferir informações. E obviamente, se um aluno vem preparado para trabalhar dessa forma, a formação universitária não deve ser um mero currículo de disciplinas que o informem sobre a carreira que pretende exercer. Isso pode estar relacionado com as mudanças no currículo e nas modalidades de ensino. É possível que as corridas encurtem os seus anos de estudo, se for dada ênfase à criação de bons hábitos e aptidões no aluno para continuar a sua carreira profissional.

Consequentemente, o aluno deve aprender a aprender, estar em aprendizagem contínua; assumir de alguma forma o próprio desempenho acadêmico, guiado por um professor/facilitador. E aproveite a infraestrutura do mundo digital, para começar a estudar online, com colegas para fazer aquele aprendizado *in company*.

Neste contexto de aprendizagem, o professor universitário deve definir-se como um investigador/facilitador, pois, a partir do primeiro, pode criar espaços educativos onde a indagação, a reflexão e a procura de soluções permitem ao aluno adquirir gradualmente estas capacidades. Seria uma nova comunidade acadêmica, que incluiria o professor a distância, o colega pesquisador, seja ele residente no país ou no exterior; uma comunidade, por exemplo, da região latino-americana que permitirá à universidade aproveitar o conhecimento por meio de redes de conhecimento.

Embora em meados do século XX os estados da região latino-americana tenham se esforçado para criar sistemas públicos de educação superior e disponibilizá-los para sua população jovem, o desafio do século XXI não é apenas reformular esses sistemas, introduzindo apenas as tecnologias digitais como inteligência artificial; mas aproveitar para transformar o conceito de ensino em conhecimento, a mudança de conteúdos e ambientes de ensino e autoaprendizagem.

YAJAIRA FREITES
Presidenta Asociación Venezolana
para el Avance de la Ciencia (ASOVAC)